

CLIPPING IMPRESSO

02/09/2019



INDICE

1. JORNAL ESTADO DO MARANHÃO	
1.1. CASO DÉCIO SÁ.....	1
1.2. DESEMBARGADOR.....	2
2. JORNAL O IMPARCIAL	
2.1. ASSESSORIA.....	3

Jhonathan vai ser julgado dia 26 no PI

Matador confesso do jornalista Décio Sá responde naquele estado pela morte de corretor de imóveis

O acusado de assassinar o blogueiro e repórter do **O Estado**, Décio Sá, Jhonathan de Sousa Silva, vai ser julgado pelo Tribunal do Júri de Teresina, no Piauí, no dia 26 deste mês, pelo assassinato do corretor de veículos Fábio Brasil. Este crime ocorreu em março de 2012, na avenida Miguel Rosa, na capital piauiense, um mês antes da morte do jornalista.

Jhonathan Silva foi pronunciado a júri em setembro de 2016 pelo juiz Antônio Reis de Jesus Nolleto da 1ª Vara do Tribunal do Júri de Teresina. Além dele, foi pronunciado Elker Farias Veloso,

apontado como o homem que dirigiu o carro que deu fuga a Jhonathan Silva após a execução de Fábio Brasil.

O magistrado pronunciou ainda os agiotas Gláucio Alencar Pontes de Carvalho, José de Alencar Miranda de Carvalho e o empresário José Raimundo Charles Junior, o Bolinha, como mandantes do crime. Dos acusados do assassinato de Fábio Brasil, apenas o pistoleiro Jhonathan Silva e Elker Farias não recorreram da sentença de pronúncia. ●

Íntegra em oestadoma.com/471934



Crônicas de Serejo

O desembargador Lourival Serejo está com um novo livro na praça: “Mistérios de uma cidade invisível”, lançado na última sexta-feira, na Associação dos Magistrados do Maranhão (AMMA).

Escritor, poeta, jurista, membro da Academia Maranhense de Letras e presidente em exercício do Tribunal de Justiça do Maranhão, Lourival é autor de mais 22 títulos lançados entre os anos de 1997 e 2016.

Na obra, Serejo reúne 90 crônicas publicadas em jornais de São Luís. Todas elas trazem nuances de uma cidade onde pairam trajetórias de pessoas ilustres, enigmas e histórias secretas, construídas e vivenciadas durante séculos e gerações.

O escritor José Éverton Neto é quem assina o prefácio, no qual afirma que “tanto as realidades como os mistérios de uma cidade – invisíveis ou reais – ficam ao nosso alcance quando um autor possui o dom das duas: o da poesia e o da crônica ao mesmo tempo, caso específico de Lourival Serejo”.

Lógica maquiavélica

ANTONIO CARLOS LUA
Jornalista

O mundo poderá testemunhar a terceira revolução da arte da guerra, depois das invenções da pólvora e da bomba atômica. A China, Reino Unido, Israel, os Estados Unidos e a Rússia estão desenvolvendo armas autônomas de destruição em massa, que poderão decidir, sozinhas, matar, sem envolvimento humano. São os avançados robôs assassinos, criados pela junção das tecnologias da robótica, da cibernética, da Realidade Aumentada (RA) e da Inteligência Artificial (IA).

Eles estão sendo desenvolvidos nos esconderijos supersecretos das potências militares, mostrando que “a guerra é a continuação da política por outros meios”, como disse o estrategista militar prussiano, Carl von Clausewitz (1780/1831), no livro “Da Guerra”. Com sua versão autônoma, os robôs assassinos garantem tudo o que atualmente constitui uma arma – tanques, caças, submarinos – tendo o poder de enviar um milhão de minidrones em um contêiner ou em um avião cargueiro, com a capacidade destrutiva de uma bomba atômica.

Enquanto sonhamos com o momento utópico em que os robôs simpáticos, bonzinhos e trabalhadores façam todo o serviço necessário para sustentar a humanidade, a realidade distópica investe na criação de autômatos de guerra e em robôs superinteligentes e assassinos, com memória ilimitada e capacidade cognitiva. Os robôs assassinos já foram testados nos conflitos armados do Iêmen e outros países do Oriente Médio. Os membros do grupo terrorista ISIS que

o digam.

Esses robôs voam e atuam durante o dia e à noite. Enxergam os inimigos com luz infravermelha e lançam mísseis contra os alvos cirúrgicos definidos pela Inteligência Artificial. São projetados para matar e ainda absorvem o recuo das armas poderosas. Há algum tempo o Pentágono vem avançando no uso de armas robóticas, associadas à Inteligência Artificial, que podem responder às ameaças recebidas de artilharia e mísseis, envolvendo-se em ações militares contra forças inimigas sem a supervisão humana.

Assim, as forças políticas e militares dos países mais desenvolvidos estão a ponto de abrir a caixa de Pandora, com vastos enxames de armas robóticas guiadas por Inteligência Artificial se enfrentando em uma velocidade superior ao que os comandantes conseguem acompanhar no curso de uma batalha. É importante frisar que hoje o princípio ético “primum non nocere” (“primeiro, não prejudicar”) não se aplica mais, pois na guerra as primeiras vítimas são a verdade e a ética.

Os cérebros cibernéticos, de grande memória e capacidade de processamento conseguem se conectar aos dispositivos móveis – drones, carros, tanques autônomos, navios autoguiados, transformers, ciborgues, andróides – partindo para a ação, independentemente do controle humano. Na era da hiperguerra, veremos humanos provendo insumos amplos e de alto nível, enquanto as máquinas realizam o planejamento, execução e adaptação à realidade das missões.

Tudo começa, é claro, com o trabalho feito pela comunidade tecnológi-

ca — muito dela assentada no Vale do Silício, Califórnia — no aprimoramento de Inteligência Artificial e sua aplicação em múltiplas funções, incluindo identificação de imagens e reconhecimento de voz.

Não é necessário um cérebro particularmente ágil para entender por que oficiais do Pentágono buscariam se munir com tal tecnologia. Eles acham que ela lhes dará uma considerável vantagem em futuras guerras. Qualquer conflito de grande escala entre EUA, China ou Rússia – ou ambas – seria, para dizer o mínimo, extremamente violento, com possivelmente centenas de navios de guerra e muitos milhares de aeronaves e veículos armados.

A lógica da guerra é terrível. Os interesses mesquinhos sempre prevalece no império da lógica consequencialista maquiavélica. Isso nos faz lembrar que na Segunda Guerra Mundial, o poder da potência emergente criou o primeiro supercomputador (ENIAC) e lançou duas bombas atômicas, em Hiroshima (06/08/1945) e em Nagasaki (09/08/1945).

A questão levanta vários questionamentos. Como fazer com que o Direito Internacional humanitário seja respeitado quando máquinas tomam a decisão de matar? O que pensar do robô da Samsung, capaz de matar automaticamente na fronteira coreana? Quais as consequências? Esses questionamentos são realistas. Não é uma conjectura baseada em filmes de ficção científica ou narrativas distópicas. O receio é que num futuro próximo toda a deslumbrante tecnologia que funciona a nosso favor passe a se unir e se virar contra os humanos.